

UM PORTO EM ORIXIMINÁ: SOBRE MOVIMENTOS EM TEMPOS PANDÊMICOS E UM OLHAR ETNOGRÁFICO SOBRE O POSSÍVEL

Juliana Cardoso Fidelis¹

Como antropólogos, aprendemos a nos aproximar de nossos interlocutores, compartilhar momentos que tanto nos marcam. Em épocas como estas, difíceis para a humanidade de maneira geral, sentimentos como insegurança, medo e impaciência parecem estar em volta de tudo, bem como em torno do fazer etnográfico. Atentando-me a esse problema, e diante das necessidades de voltar às pessoas e aos lugares de pesquisa neste contexto pandêmico, chamo atenção aos caminhos abertos pelas estratégias de pesquisa

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Campinas (PPGCS/Unicamp). Pesquisadora vinculada ao Laboratório de Pesquisa e Extensão com Povos Tradicionais Afro-americanos (LAPA), no Centro de Estudos Rurais (CERES/Unicamp). Contato: julianaacardosofideliss@gmail.com.

tomadas por nós, pesquisadores de campo, fascinados pelas viagens e suas possibilidades de “estranheza” e “aproximação” – tão caras às nossas discussões até aqui.

As fotografias aqui apresentadas foram tomadas em um curto trabalho de campo realizado na região do rio Trombetas, na Calha Norte (Pará). Todas elas foram realizadas no mês de abril e início de maio de 2021, respeitando o bandeiramento “laranja” (de médio-risco de infecção) durante a pandemia da Covid-19, que foi adotado pelo governo do estado do Pará, sobretudo no que concerne à circulação de embarcações, durante o período de visita a região do rio Trombetas.

O desafio de qualquer trabalho de campo é debate e matéria para todos se propõem a fazer antropologia, porém, nesse “campo” em especial, se apresentou logo na espera – lugar de onde se observa e se decide o melhor momento para sair – nesse caso, da cidade de Santarém rumo à Oriximiná. Dessa forma, explorar possibilidades “estando lá” implicou considerar não só a ética na pesquisa, mas, sobretudo, a mobilização das comunidades quilombolas da região em salvaguardar a saúde e segurança de seus moradores por meio da restrição e controle da entrada de pesquisadores em seus territórios tradicionais.

Assim, apostei no Porto municipal de Oriximiná como lugar estratégico de observação dos movimentos cotidianos dessa população, suas embarcações, relações e mercadorias. Desde quando comecei a fazer pesquisa na região em 2016, o movimento marcado por esses elementos presentes no rio Trombetas sempre me chamou atenção. Quase sempre abarrotadas de redes na chegada e de fardos diversos de alimentos não perecíveis em sua saída subindo o rio, muitas das pequenas e médias embarcações utilizadas por famílias quilombolas estão presentes na paisagem cotidiana do porto.

Nele, vi um jovem, que saiu da comunidade em busca de trabalho na cidade, encontrar o pai que chegava no barco de Cacheira Porteira, o último território do Trombetas, para receber a primeira dose da vacina contra a Covid-19 na sede da Associação das Comunidades Remanescentes de Quilombos do Município de Oriximiná (ARQMO). Na ocasião, esse jovem trabalhava em frente ao porto, numa obra da gestão municipal; ele era mais um jovem quilombola que compunha a turma que estava naquela construção, que mais tarde se tornaria uma pequena praça. Junto do pai, a ex-esposa do jovem acompanha o filho

do ex-casal, que estava feliz em função da liberação da circulação de embarcações naqueles dias, pois finalmente ele voltava a passear pelo pequeno comércio, que apesar de alagado após fortes dias de chuvas que acometiam a região, ainda assim era interessante. Na mão, o pequeno possuía uma espada, que apesar de ser plástico, representava o símbolo dos grandes heróis dos filmes piratas que a mãe gostava de levar ao território para ajudar a entreter o filho. Provavelmente veriam juntos os outros filmes adquiridos em uma das poucas barracas de DVD's presentes naquele comércio.

Aqueles eram os primeiros dias do mês de maio de 2021, quando alguns pagamentos de benefícios sociais caem na conta dos poucos aposentados e das mães que recebem o Bolsa Família, dinheiro que ajuda na compra do diesel que alimentam geradores de energia, comunitários ou não, nos territórios.

Aquela família era amiga do Zé do Porto, dono do carro do “freta-se”² mais requisitado da região e “amante” de uma cerveja gelada no final da tarde, depois do calor do dia. Seu filho é indígena WaiWai, nascido no rio Mapuera, acima de Cachoeira Porteira, no alto do rio Trombetas. Ele contava orgulhoso do negócio do filho, que conseguiu erguer, mesmo na pandemia, sua loja de produtos de beleza. O filho de Zé chegou ao porto acompanhado por um funcionário também indígena. Muito ágeis em carregar caixas, rapidamente, os dois entregaram no barco, que subiria ao Mapuera no final do dia, fardos de frango congelado e logo voltaram ao automóvel que disputava espaço com alguns caminhões que abasteciam barcos comerciais.

Na parte mais atingida pela subida do rio Trombetas, mototaxistas assoviavam para o comerciante de marmitas que organizara num isopor pequenos pratos de comida e remava na rua alagada, como quem vem apresentar a boa nova, gritando aos clientes fixos, e a possíveis novos, como eu, que o peixe era fresco, importante informação aos amantes da iguaria: tucunaré frito, acompanhado de feijão e arroz. Diante dessas pessoas, interligadas por meio de suas histórias no espaço que seria das embarcações, percebo a potencialidade do

² Assim são conhecidos e chamados na região os carros que carregam desde mercadorias diversas a pessoas, os quais também realizam mudanças e outros tipos de serviços.

Porto como lugar de encontro, partilha, comércio e troca, possibilitados pela navegação no rio que conecta e promove movimentos, deslocamentos, chegadas e partidas.

Apesar dos do “silêncio forçado” criado e estabelecido junto aos dias de pandemia, assolava o ruído que acompanha o movimento não só dos barcos, mas das pessoas. Nos dias em que estive observando essa dinâmica do silêncio e do ruído, do fluxo em seu ritmo intenso, e um tanto desacelerado, podia perceber a mudança no setor de construção, de reabertura de estabelecimentos etc. O Porto se apresentou como lugar de grande potencialidade para a observação e reflexão etnográfica no contexto atual de Oriximiná, o qual me possibilita realizar reflexões ligadas ao território e suas malhas de relações comunitárias e familiares interconectadas no cotidiano daqueles que se movem.



Imagem 1 – Porto Municipal de Oriximiná. Foto: Juliana Cardoso Fidelis



Imagem 2 – Zé do Freta-se. Foto: Juliana Cardoso Fidelis



Imagem 3 – Os pais do pequeno herói em meio ao trabalho da praça. Foto: Juliana Cardoso Fidelis



Imagem 4 – Construção da praça municipal do Porto. Foto: Juliana Cardoso Fidelis

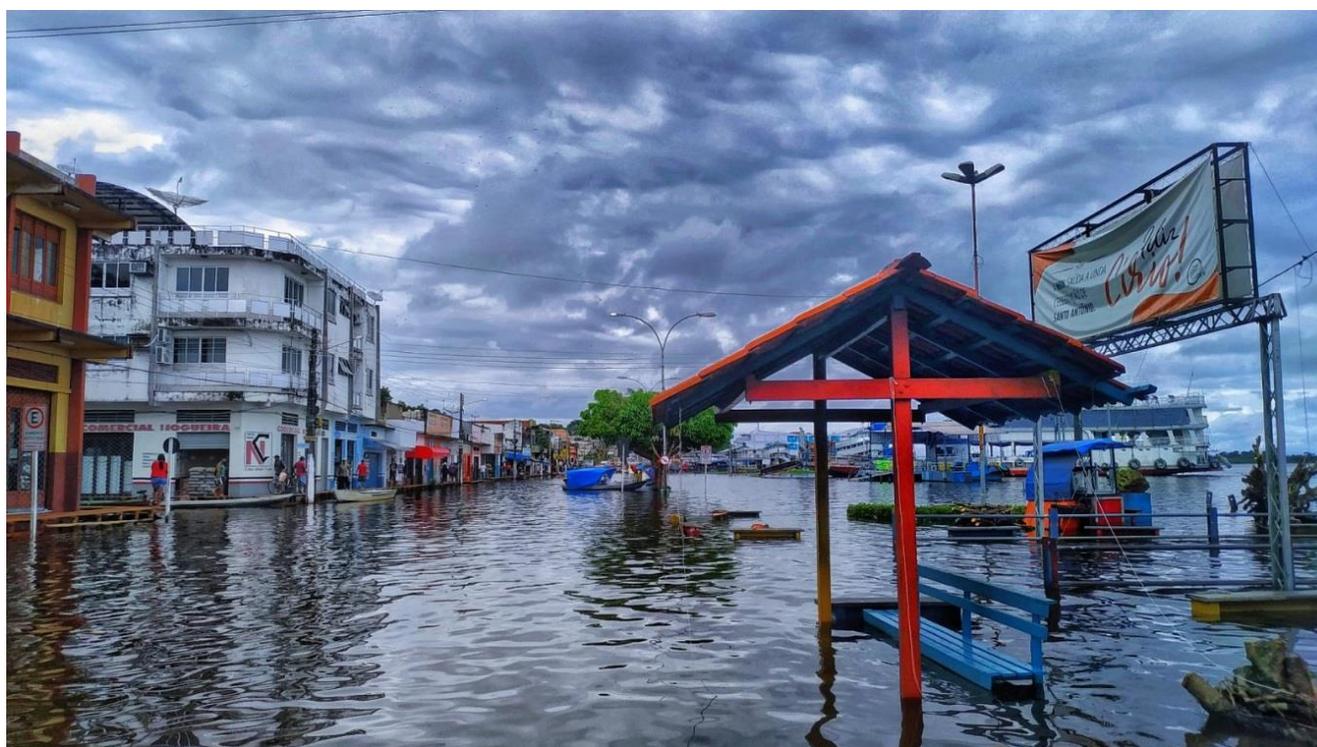


Imagem 5 – Rua principal do Porto Municipal. Foto: Juliana Cardoso Fidelis



Imagem 6 – Entrega de mercadoria comercial. Foto: Juliana Cardoso Fidelis



Imagem 7 – Venda de tucunaré frito na rua principal do Porto. Foto: Juliana Cardoso Fidelis